Agulha em Palheiro: Quinta edição

Camilo Castelo Branco

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Agulha em Palheiro: Quinta edição

Camilo Castelo Branco

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was produced from scanned images of public domain material from the Google Print project.)

Notas de transcrição:

[A] Nesta 5ª edição desta obra detectámos uma falta de texto muito significativa. Parece ter sido removida por descuido do editor, e por isso resolvemos adicionar no local próprio o segmento em falta. Usámos para o efeito o texto da 2ª edição, de 1865, sem alteração ortográfica. Para evidenciar esta alteração marcámos o segmento de texto inserido com entre as marcas [A] e [B].

Foram ainda encontrados diversos erros de impressão, que por não terem qualquer impacto na interpretação do texto, foram corrigidos sem qualquer nota.

Obras

de

Camillo Castello Branco

Edição Popular

XXII

AGULHA EM PALHEIRO

VOLUMES PUBLICADOS

I--Coisas espantosas.

II--As tres irmans.

III--A engeitada.

IV--Doze casamentos felizes.

V--O esqueleto.

VI--O bem e o mal.

VII--O senhor do Paço de Ninães.

VIII--Anathema.

IX--A mulher fatal.

X--Cavar em ruinas.

XI e XII--Correspondencia epistolar.

XIII--Divindade de Jesus.

XIV--A doida do Candal.

XV--Duas horas de leitura.

XVI--Fanny.

XVII, XVIII e XIX--Novellas do Minho.

XX e XXI--Horas de paz.

XXII--Agulha em palheiro.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AGULHA EM PALHEIRO

Quinta Edição

LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1904

LISBOA
Officinas Typographica e de Encadernação
Movidas a vapor
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
1904

DEDICATORIA

Ao poeta das creanças, das flores, do Amor, da Melancolia e dos desgraçados

AO ILL.mo E EX.mo SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Honra da Patria, honra dos que o prezam, e amam a Patria

OFFERECE

O AMIGO, O RESPEITADOR, O DISCIPULO MAIS DEVEDOR

Camillo Castello Branco.

DUAS PALAVRAS

A primeira edição d'este romance saiu de uma typographia do Rio de Janeiro. Parece que houve proposito em desdourar os prelos brasileiros! Poderá parecer tambem que se intentou desdourar o auctor; mas semelhante suspeita não vingaria, attendendo a que não é coisa verosimil alguem escrever assim. O que mais depressa poderia crer-se seria que o escriptor mais fleumatico morresse de fulminante desgosto, vendo a sua obra tão damnificada, e suja de todas as nodoas, para lavagem das quaes se crearam as quatro partes constitutivas da grammatica.

Imprime-se o livro, como o auctor escreveu o manuscripto, e chama-se _segunda edição_, porque o titulo e substancia da obra está no livro publicado no Brasil.

Porto, janeiro de 1865.

AGULHA EM PALHEIRO

I

Em 1803, o sapateiro de Manuel Maria Barbosa du Bocage era Francisco Lourenço Gomes, estabelecido na calçada do Sacramento, em Lisboa.

Francisco Lourenço era, n'aquelle tempo, rapaz de dezoito annos; mas, por sua muita esperteza e actividade, merecera que o pae lhe

confiasse a gerencia da loja, grandemente afreguezada.

Os poetas notaveis do tempo calçavam todos de casa de Francisco Lourenço; um só, porém, o maioral de todos, o repentista Bocage, calçava gratuitamente.

Os coevos do poeta recordam-se de o terem visto quasi sempre mal entrajado de casacas, pantalonas e chapéos: mas, no tocante a botas, dizem todos que o vate Elmano primava em aceio, e raro dia saía á rua com ellas sem muito lustro de fina graxa.

Este accidente da vida de Bocage, omittido nas biographias do immortal improvisador, escriptas por Castilho e Rebello da Silva, tive eu a fortuna de apanha-lo casualmente. Assim, pois, se explica a distincção das botas de Manuel Maria entre as dos seus collegas e rivaes do botequim Nicola: Francisco Lourenço, o sapateiro dos casquilhos d'aquelle tempo, era amante de versos. Principiára saboreando as trovas chôchas de José Daniel; e ditosa correra a vida pedestre ao infausto poetrasto, em quanto a admiração do sapateiro lhe foi prodiga de botas; quando, porém, o moço ouviu Bocage improvisar na festividade de Corpus-Christi, fatal hora badalou para o auctor do _Almocreve das Pêtas_, que nunca mais encontrou graça no seu Mecenas de bezerro e sola.

O enthusiasta de poesia presenteou Bocage com umas botas, e a quitação de dois remontes que lhe devia. O poeta, não vezado a taes galhardias do vulgo profano, posto que a pouco mais subisse a capacidade do _claro auditorio seu_, retribuiu a generosidade do moço com prosa chan, mas muito mais sincera e cordeal que os versos.

Francisco tomou a cuidado seu mandar todas as manhãs buscar o

calçado do poeta predilecto, e devolver-lh'o brunido e lustroso como um espelho; e, apenas as solas se gretavam ou os saltos iam entortando, logo novas botas, em fazenda e feitios primorosas, iam saudar o vate acordado para um novo dia dos seus desvairados prazeres de praças e tavernas.

A repetição d'estes brindes abriu, no animo generoso e popular do poeta, as portas á confiança timida do artista. Francisco Lourenço teve a honra de almoçar com Bocage no _botequim das Parras_, e d'aqui sairam juntos a jantar n'uma horta do Campo-Grande, onde Elmano, fiel aos seus usos e costumes, bebeu á tripa fôrra, e poetou, consoante o auditorio lhe beliscou a musa escandecida.

O sapateiro, instigado por sua doce embriaguez, que era suave e honrada embriaguez do amor casto a uma prima, revelou ao poeta a sua paixão, e pediu-lhe umas quadras natalicias para festejar os annos da sua amada. Esta confidencia rebentou do coração do moço alli pelas alturas de S. Sebastião da Pedreira. Bocage, sem mais averiguações, entrou n'uma tenda, pediu papel, disse a Francisco Lourenço que escrevesse, e improvisou torrentes de quadras que extravasaram da folha de papel almaço. O sapateiro amante chorava de alegria; e o especieiro ficou pasmado e maravilhado de ter tido em sua loja o famoso poeta, que era o esfarrapado idolo do povo, como todos os idolos do povo, que assim os quer esfarrapados, ou tarde ou cedo os esfarrapa, se elles lhe cáem nas mãos bem ageitados.

Francisco Lourenço, ao despedir-se do poeta, que ia passar a noite em casa do marquez de Anjeja, delicadamente lhe introduziu na algibeira do collete uma peça. Que bizarria de animo! Uma peça seria hoje o primeiro dinheiro que um editor portuguez offereceria a Bocage pela

propriedade de um volume!

Bem empregados seis mil e quatrocentos réis! A prima de Francisco, ao ver-se cantada assim, e, de Maria que era, transformada em _Marilia_, ganhou ao primo tamanho amor, que logo d'ali esqueceu sagradas promessas, que fizera a outro; e tanto foi, que, estando ella a bordar um coração varado por duas settas em cruz, com o intento de mandal-o ao rival de Francisco, o symbolico lencinho, dias depois, estava em poder do primo, que o beijava em transporte de jubilo.

Bocage via a seus pés o mais ditoso dos amantes confessando que aos seus versos devia a immensa felicidade, que lhe não cabia no peito. Esta situação, grata ao genio, reaccendeu-lhe o estro em novas flammas. Um soneto divino caiu no coração do reconhecido moço, que foi logo d'ahi leva-lo ao coração de Marilia.

Esta menina era filha de um colchoeiro da rua Augusta, filha unica, e esperançada em bom patrimonio--que seu pae, tio materno de Francisco Lourenço, passava por abastado. Além d'isso Maria Luciana era galantinha, arranjadeira de casa, prendada, e amiga de ler livros de devoção, e o _Almocreve das Pêtas_, e o _Anatomico jocoso_, obras do engenho humano, que o bom do colchoeiro pasmava de ouvir, e, com as mãos nas ilhargas, era todo elle então uma risada, que não ha conta-lo.

Depois, porém, que Maria Luciana lera os dois poemas de Bocage, que lhe diziam respeito, o seu poeta valido era o grande cantor, e os livros ao divino pareciam-lhe coisa de moer a paciencia. A reformada creatura, quando a mãe lhe tirava das mãos as rimas de Bocage, e a obrigava a lêr o _Retiro espiritual_ e a _Novena de Santa Ursula_, zangava-se tanto lá no seu interior, que chegava a duvidar que Santa

Ursula e sua mãe tivessem senso-commum!

Não desagradava ao colchoeiro o sobrinho. Seu cunhado, além da acreditada loja na calçada do Sacramento, possuia no Cartaxo uma quintinha de recreio e algumas terras lavradias, e vinhedos herdados e adquiridos pelo officio. O rapaz desempenhava, em annos verdes, o bom governo da loja, e mostrava tendencias a ganhar freguezia de gente limpa, com quem elle se relacionava. Porém, estas boas predisposições eram rijamente contrariadas pela funesta noticia, que lhe chegara aos ouvidos, e vinha a ser: o escandalo de ter ido o moço algumas vezes almoçar ao botequim das Parras, em companhia de poetas! Esta reluctancia durou dois annos, ou mais; mas, a final, como quer que Maria perdesse a saude e amarellasse, o colchoeiro, que não tinha outra filha, deixou-a casar, dotando-a com seis mil cruzados.

No fausto dia do casamanto, Francisco Lourenço foi convidar Bocage para jantar em sua casa. O poeta estava enfermo; prometteu ir n'outro dia, se não morresse d'aquella aneurisma que o tinha nos umbraes da eternidade. As portas da eternidade, porém, estavam a abrir-se, n'aquella hora, ao mais inspirado e desditoso genio que ainda viram portuguezes, sendo tantos os inspirados e desditosos á competencia de desgraça com elle!

Poucos dias depois, n'esse anno de 1806, morreu Bocage.

Francisco Lourenço chorou-o, como se ás lavaredas d'aquelle incendio d'alma tambem elle tivesse aquecido os embriões do seu talento. O artista não era poeta, nem tinha o parvulez de crer-se tal porque adorava Bocage. O que elle tinha era a paixão do bello, com a entranhada magua de não ter sido educado e guiado por aquelle rumo

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com